

A episteme do *sapere* e os movimentos sinápticos em um poema de Ana Martins Marques

The episteme of sapere and synaptic movements in a poem by Ana Martins Marques

GUSTAVO CASTELLO BRANCO KOLLINER

Graduando em Letras pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)

E-mail: gucasb@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Bruna Fontes Ferraz (CEFET-MG)

Resumo: O saber é a principal ferramenta do *Homo s. sapiens* – é aquilo que caracteriza esse ser biológico como espécie. Entretanto, o que o humano sabe? E como pode ser o sabor neurológico do saber? Este artigo buscará refletir sobre estas questões a partir do poema “O que eu sei”, da poetisa mineira Ana Martins Marques, que tem como evento poético a paradoxal e limitada sabedoria humana, representada por mecanismos linguísticos metafóricos e empíricos. Não obstante, na construção textual do poema, parece haver uma afinidade com as teorias neurolinguísticas sobre a formação dos pensamentos, em especial às observações de Luria (1976) e Hagoort (1997). Nas reflexões finais, Kant (2015), indiretamente, se faz presente neste poema de Ana Martins Marques.

Palavras-chave: Teoria Literária. Epistemologia filosófica. Neurolinguística.

Abstract: Knowledge is *Homo s sapiens* main tool- it is what characterizes this biological being as a species. However, what do humans know? And how can the neurological taste of knowledge be? This article aims to reflect on these issues from the poem “O que eu sei”, by the Minas Gerais poet Ana Martins Marques, whose poetic event is the paradoxical and limited human wisdom, represented by metaphorical and empirical linguistic mechanisms. Nevertheless, in the textual construction of the poem, there seems to be an affinity with the neurolinguistic theories about the formation of thoughts, especially the observations of Luria (1976) and Hagoort (1997). In the final reflections, Kant (2015), indirectly, is present in this poem by Ana Martins Marques.

Keywords: Literary theory. Philosophical epistemology. Neurolinguistics.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando o *Homo* percebeu a sua individualidade na natureza, passando a buscar ali maneiras de se proteger e perpetuar a sua espécie, de forma cognitivamente arquitetada, adquiriu a característica *sapiens*. Harari (2015) indica que esse momento ocorreu há, pelo menos, 70 mil anos e, a partir desse ponto que o autor denomina de “revolução cognitiva”, surgiria a própria História humana. A História só existe porque o homem é sábio. O homem sábio, portanto, é movido – espacial e temporalmente – pela ação do adjetivo que o caracteriza como espécie biológica: o saber. Porém, o *Homo* contemporâneo dá um passo adiante e percebe, evolutionalmente, o *Homo sapiens* como arcaico: nessa concepção, o homem moderno utiliza toda a sua razão, logo, deve ser mais sábio do que o *Homo sapiens* e, por isso, opta por classificar a si como *sapiens sapiens*, sábio

ao quadrado... escorado em uma razão limitada pela própria razão, como Kant (2015) aponta. Em meio a tanta sapiência, surgem as questões: o que o *Homo s. sapiens* sabe? E como acontece o movimento biológico do saber no cérebro humano?

As respostas para essas perguntas encontram-se em um universo tão vasto no qual essa espécie inteligente está, espacialmente, inserida, e, assim como na Física Astronômica, dependem de um referencial para serem, pelo menos, saboreadas. A poetisa mineira Ana Martins Marques (2015) faz da literatura este referencial e versa sobre essas questões em seu poema “O que eu sei”, presente na obra *O livro das semelhanças: poemas*. Ana é uma poetisa em ascensão na literatura brasileira e “a sua poesia é o resultado de uma dupla reflexão entre o sentido do processo poético e o sentido do existir”, como observa o professor Jardel Dias Cavalcanti (2010).

Entretanto, a filosofia não é percebida apenas pela tendência existencialista na escrita de Ana. Nesse mesmo poema (“O que eu sei”), o evento poético é uma epistemologia que se aproxima do paradoxo de Sócrates, postulado por Platão, reduzido à popular paráfrase “só sei que nada sei”. Já a construção concreta do poema aproxima-se das teorias neuropsíquicas humanas, tornando a voz poética uma representação do próprio fluxo de sinapses que ocorre no gigante cérebro de 1200cm³ inserido no crânio da espécie *Homo s. sapiens* – o animal que sabe tanto, mas não sabe o que sabe.

1.1 O POEMA “O QUE EU SEI”

O objetivo deste artigo é analisar o poema “O que eu sei”, de Ana Martins Marques, a partir de dois referenciais teóricos: a epistemologia filosófica do saber e a construção neurolinguística do sentido, de modo que esses referenciais concretizem a poesia¹ nesse poema, dialogando com a Teoria Literária voltada para a poesia contemporânea.

Para que esse intento seja alcançado, se faz necessário, *a priori*, a contemplação do poema “O que eu sei”:

O que eu sei

Sei poucas coisas sei que ler
 é uma coreografia
 que concentrar-se é distrair-se
 sei que primeiro se ama um nome sei
 que o que se ama no amor é o nome do amor
 sei poucas coisas esqueço rápido as coisas
 que sei sei que esquecer é musical
 sei que o que aprendi do mar não foi o mar
 que só a morte ensina o que ela ensina

¹ O conceito de concretização da poesia adotado neste artigo é aquele que aponta diretamente para a Teoria Literária de Jonathan Culler (1999), que diz a poesia como, em um poema, a ressignificação da linguagem a partir de recursos linguísticos presentes na própria linguagem e retórica. Culler denomina isso de “imaginação poética”, a característica transcendente dos significados para com os seus significantes.

sei que é um mundo de medo de vizinhança
de sono de animais de medo
sei que as forças do convívio sobrevivem no tempo
apagando-se porém
sei que a desistência resiste
que esperar é violento
sei que a intimidade é o nome que se dá
a uma infinita distância
sei poucas coisas
(MARQUES, 2015, p. 69)

2 A EPISTEMOLOGIA DO SABER POUCO

Afinal, o que o *Homo s. sapiens* sabe? Talvez este seja um dos maiores questionamentos que ronda a humanidade, e a resposta concreta para esta pergunta é um grande “depende”, uma vez que cada um dos campos de estudos, que se dedica a pensar sobre a sabedoria, apresenta propostas contrastantes. Entretanto, parece que o poema de Ana Martins Marques possui um diálogo próximo às noções de sabedoria dentro da epistemologia filosófica, especialmente às ideias apresentadas por Platão.

2.1 O SAPERE EPISTEMOLÓGICO DO SÓCRATES DE PLATÃO

A busca pelo possível verdadeiro sabor do saber – episteme do *sapere*²– surge, no ocidente, no berço da Grécia antiga. Platão foi um dos primeiros a se debruçar sobre os significados da verdadeira sabedoria. No segundo diálogo da sua tetralogia, a obra *Apologia a Sócrates*, Platão apresenta a fala de Sócrates durante o processo de defesa dele da denúncia feita por Meletus: “[...] aquele homem acredita saber alguma coisa, sem sabê-la, enquanto eu, como não sei nada, também estou certo de não saber” (PLATÃO, 2008, p. 08). Nessa passagem, o Sócrates platônico argumenta que o saber reside em uma ausência de certezas e, devido a essas incertezas, o saber pode ser qualquer afirmação. A sabedoria, assim, seria um movimento total-paradoxal, em que ela é formada pela validação de toda e qualquer ideia, mas isso não a torna sábia ou verdadeira, e não inexistente-paradoxal, em que a sabedoria existiria apenas para invalidar a si como ideia, como aponta uma equivocada interpretação e atribuição da paráfrase “só sei que nada sei” ao Sócrates de Platão. A fala do Sócrates de Platão (não a máxima popular “só sei que nada sei”) se aproxima, em contramão, da voz poética de Marques, que sabe, mas sabe poucas coisas.

2.2 O SAPERE EPISTEMOLÓGICO DE ANA MARTINS MARQUES

O diálogo entre o Sócrates de Platão e Ana Martins Marques é interrompido: enquanto a figura socrática conclui saber com incertezas absolutas, a voz poética de “O

² O filólogo José Pedro Machado (1956, p. 2352) esclarece, em seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, que *Sapere* é aquilo que “tem gosto; exalar um cheiro, um odor; perceber pelo sentido do gosto; fig., ter inteligência, juízo; conhecer alguma coisa, conhecer, compreender, saber”.

que eu sei” entende que a sua sabedoria é certa, mas é limitada e, com este pouco, busca explicar a sua possível epistemologia do *sapere*.

A origem do verdadeiro sabor da (pouca) sabedoria em “O que eu sei” é versificada como um resultado empírico – fazendo com que a sabedoria da voz poética se distancie quase que por completo da Sapiência e se aproxime mais da Senciência. Isto, pois o conceito de Sapiência, para o psiquiatra e pesquisador Roger Walsh (2015), está interligado ao conhecimento resultado de processos racionais atinentes de um indivíduo, frutos de sua mesma experiência cognitiva em contato com a realidade transcendente. Enquanto a Senciência é a pura capacidade de sentir sensações, emoções, experienciar a subjetividade da realidade e, a partir disso, adquirir o saber. Assim, o saber da voz poética de Marques é mais senciente, pois se escora nas sensações do mundo para acontecer – não em processos racionais.

Para exemplificar isso, destacam-se os versos: “sei que ler/ é uma coreografia/ que concentrar-se é distrair-se”. Aqui, são utilizados recursos figurativos da linguagem metafórica e paradoxal para explanar como a sabedoria da voz poética provém das sensações; a leitura deixa de ser cognitiva e se torna movimento; a concentração se contradiz em sua própria sensação contrária. Em seguida, a voz poética afirma: “sei que primeiro se ama um nome sei/que o que se ama no amor é o nome do amor /sei poucas coisas esqueço rápido as coisas /que sei sei que esquecer é musical”. Nesse caso, através da personificação, a sensação de amar é convertida em um nome e, por sua vez, é materializada e, sinestésicamente, sabida em sua forma pura (o amor), quando tal nome é atribuído a alguém. O esquecimento também é sinestésico e se volatiliza rapidamente pelo ar como as ondas sonoras que, quando captadas pelo ouvido, se tornam música. Não obstante, o empirismo, como causa primeira do saber para a voz poética de Marques, é explicitado com um jogo linguístico metafórico e metonímico nos versos “sei que o que aprendi do mar não foi o mar/que só a morte ensina o que ela ensina”. Nesses versos, é notório que o pensamento racional acerca do objeto mar não gerou aprendizado... a sabedoria foi a própria sensação subjetiva que o mar gerou. O mesmo acontece com a ideia da morte, porém, através da sinestesia, que deixa de ser entendida como fenômeno físico e passa a ser sabida por aquilo que a própria morte faz sentir (implicitamente, no poema, a sensação de perda, soturnidade, inexistência ou final).

Em uma análise mais desprendida, o saber da voz poética em “O que eu sei” é discrepante da sabedoria do Sócrates de Platão, porque ele não sabe concretamente o que sabe. Já a voz poética de Ana acredita saber daquilo que suas experiências sensoriais lhe permitem saber e talvez, por isso, seja uma sabedoria rarefeita.

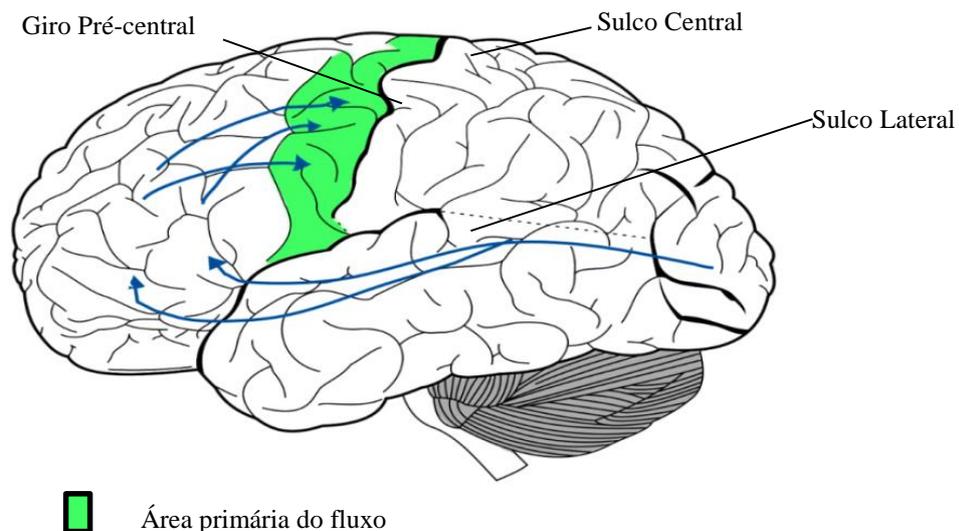
3 AS SINAPSES NEURAI DO POEMA “O QUE EU SEI”

A imaginação poética em “O que eu sei” parte, portanto, do empirismo. Todavia, a construção textual do poema parece similar, paradoxalmente à sua poesia, a um movimento cognitivo e racional da própria formação de pensamentos humanos, tangendo teorias neuropsíquicas e lembrando o ritmo prosódico de José Saramago.

3.1 SOBRE A FORMAÇÃO DE PENSAMENTO NA NEUROLINGUÍSTICA

Para compreender o ritmo de escrita do poema de Ana, é necessário um olhar para os modelos psíquicos de processamento lexical e semântico do pensamento e da linguagem. Na sua introdução à neuropsicologia, Aleksandr R. Luria (1976) esclarece a proposta de uma tripla unidade funcional no córtex cerebral, que seriam alguns dos principais locais das sinapses³ que recebem e executam informações – como prolusão, destacar-se-ão duas dessas unidades. A unidade funcional responsável por executar comandos (ações conscientes de um indivíduo, como o movimento e a fala) é denominada Unidade Executora (Fig. 1) e teria, em síntese, como epicentro sináptico, o Giro Pré-central. Já a unidade funcional, capaz de receber, armazenar e analisar informações (ações inconscientes de um indivíduo, como os sentidos e a somestesia), é chamada de Unidade Receptora (Fig. 2) e estaria localizada, resumidamente, no Giro Pós-central do Telencéfalo e, por suas funções, seria o ponto cerebral da sapiência humana. Assim, a sabedoria pensada, fisicamente no cérebro, seria um fluxo constante de sinapses neurais na área central do cérebro.

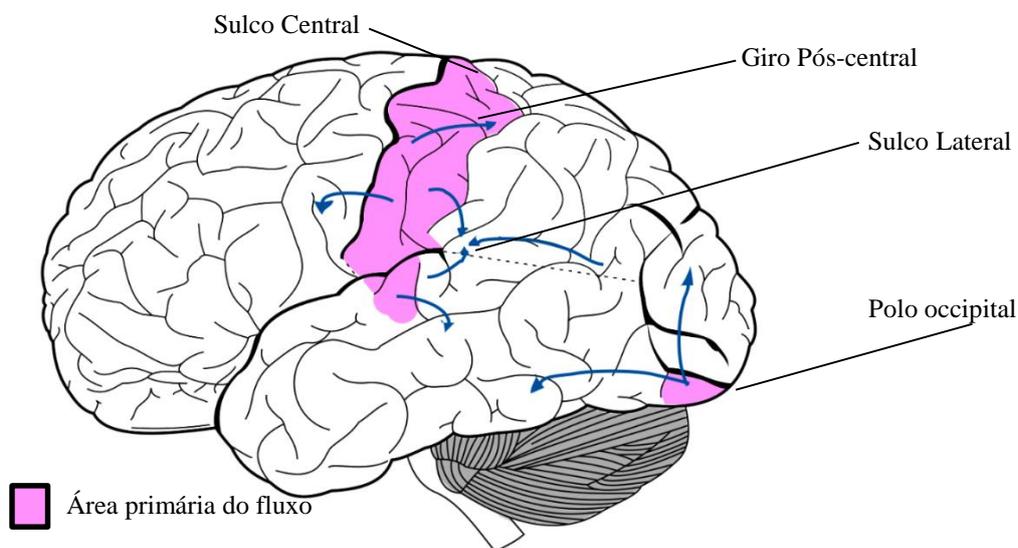
Figura 1 – Modelo simplificado do fluxo sináptico da Unidade Executora, segundo a teoria neuropsicológica de Luria (1976)



Fonte: adaptada de Luria, 1976.

³ A saber, sinapses são áreas de ativação localizadas na unidade celular do cérebro (neurônios), onde ocorre a ação/desativação de neurotransmissores – os mediadores químicos de impulsos nervosos.

Figura 2 – Modelo simplificado do fluxo sináptico da Unidade Receptora, segundo a teoria neuropsicológica de Luria (1976)



Fonte: adaptada de Luria, 1976.

O neurolinguista Peter Hagoort (1997) entende que, no movimento sináptico de produção dos pensamentos sobre os significantes da palavra que concretiza o sentido real, em moldes interativos, são usadas as duplas unidades funcionais de Luria (Unidade Receptora e Unidade Executora) simultaneamente, fazendo com que o cérebro lide com a léxica e a semântica ao mesmo tempo (as informações sensoriais das palavras-alvo, denominadas de “processamento *bottom-up*”, juntamente com as informações de contextos, chamadas de “processamento *top-down*”, que são ligadas especialmente à memória, à concentração e às expectativas do indivíduo).

A partir disso, conclui-se que os pensamentos que medeiam a sabedoria e representações da forma e do significado da palavra ocorrem como um grande movimento único e contínuo, de polidirecionamento na Unidade Receptora e Executora do cérebro humano. Essa correnteza incessante pode ser, figurativamente, aludida como um texto sem quaisquer pontuação e direção.

3.2 O RITMO SINÁPTICO DO POEMA “O QUE EU SEI”

Ana Martins Marques, ao escolher compor o seu poema sem pontuação e com quebra de versos de forma abrupta (“sei que é um mundo de medo de vizinhança /de sono de animais de medo/ sei que as forças do convívio sobrevivem no tempo/ apagando-se porém”), representa, majestosamente, esse movimento das sinapses que ocorrem na formação do pensamento e do saber. E a transcrição desse fluxo neural funda o ritmo na busca da sabedoria – rarefeita por seu caráter senciente⁴ – caótica em meio ao emaranhado energético da pura racionalidade e química da linguagem.

⁴ Diz-se s. àquilo que possui características de Senciência. (Neolog.).

Tal concepção concorda quase que completamente com os pensamentos do escritor português José Saramago, que afirmou, durante uma entrevista, em 2004, ao explicar seu estilo narrativo:

Quando falamos, pensamos, não usamos sinais de pontuação [...] os dois únicos sinais de pontuação [utilizados na obra], o ponto e a vírgula, não são sinais de pontuação, são uma pausa, uma pausa breve e uma pausa longa para respirar. No fundo, como também digo muitas vezes, falar e pensar é fazer música. (SARAMAGO, José. Entrevista ao *Seminário Expresso*, 2004)

Marques também cria “música” em seu poema através de um pensar materializado em uma escrita verossímil à dança de sinapse no cérebro. Ao excluir os sinais de pontuação, deixando os significados desamarrados, coesamente, de seus significantes, Ana permite às palavras e significados dançarem livremente pela página, porém mantendo-os ainda na mesma página para concretizar uma pouca sabedoria, assim como os neurotransmissores fazem nas regiões ativas do cérebro. Eles dançam pelo Telencéfalo, através de seus caminhos sinápticos, até se encontrarem na região lúrida e formarem a dita sapiência humana. As ausências de pontuações são também, paralelamente, os passos acelerados de uma coreografia fonética que a língua deve fazer para bailar a musicalidade do volátil saber; do saber musical que se esquece (“sei que esquecer é musical”); do saber físico, que dança sem perder o fôlego através dos sulcos e giros cerebrais; do saber que não pode parar, uma vez “que esperar é violento”. A construção textual do poema de Ana é uma música próxima à que Saramago entende ser o falar e o pensar, mas a dela não é escutada, é sentida e acelerada sem pausas para respirar deixando sem ar qualquer um que ousar cantar o seu ritmo linear.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mulher, mineira e sagaz: Ana Martins Marques demonstra com sua poesia o porquê de ser um dos atuais nomes em ascensão na literatura contemporânea brasileira. Especialmente em “O que sei”, Ana, paradoxalmente, representa o empirismo e o racionalismo como fatores ainda insuficientes por si só para a posse do saber. O pouco saber seria suficiente para fazer uma espécie se autodenominar “*sapiens*”? Se existir uma resposta sábia para essa pergunta, indiferentemente, os sábios sabem que sabem pouco.

Ousando, a poetisa, talvez, tenha escrito um dos mais interessantes poemas de viés kantianos. Kant (2015), ao colocar a Razão em um tribunal em que a própria Razão é ré e juíza de si mesma, uma crítica da razão pura, acaba por sentenciar que a razão e o empirismo humano são incapazes de conhecer quaisquer elementos em sua mais pura totalidade. Em síntese, para Kant (2015), o *Homo s. sapiens* está fadado a saber pouco, pois depende de que os elementos estejam inseridos simultânea e totalmente ao alcance da razão e da experiência. Ana representa isto utilizando recursos linguísticos que vão das figuras de linguagem (metáfora e sinestesia, principalmente) à versificação em estilo livre para representar a experiência, em um ritmo que lembra os movimentos sinápticos, como representação da racionalidade, conforme as teorias da neurociência psicológica.

Ana Martins Marques prova em “O que eu sei” que o *Homo s. sapiens*, por mais que faça questão de se distinguir das outras espécies, baseando-se na posse de uma possível sabedoria (ao quadrado), não é capaz de saber muito sobre nada, mesmo quando se apoia nas duas coisas que realmente possui: os sentimentos e os pensamentos. O *Homo s. sapiens* é como um espelho refletindo a si mesmo, em que a ilusão ótica infinita não é causada pelo reflexo da dualidade onda-partícula da luz, mas sim por um eco inalcançável de sabedoria.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Jardel Dias. A poesia sem ancoradouro de Ana Martins Marques. *In*: SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MINAS GERAIS, no. 1328, Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas, jan./fev. 2010, p. 04-06.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária**: uma introdução. Cabo Frio: Beca, 1999.

HAGOORT, Peter. The shadows of lexical meaning meaning in patients with semantic impairments. *In*: STEMMER, Brigitte; WHITAKER, Harry. **Handbook of neurolinguistics**. Nova York: Academic Press, 1997.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2015.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. 4. ed. Belo Horizonte: Editora Vozes, 2015.

LURIA, Aleksandr R. **The working brain**: an introduction to neuropsychology. Edição revisada. Nova York: Basic Books, 1976.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**, vol. 2. Lisboa: Editora Confluência, 1956.

MARQUES, Ana Martins. **O livro das semelhanças**: poemas. Edição para Kindle. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.

SARAMAGO, José. **Seminário Expresso**. 2004. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/saramago-o-escriptor-que-brinca-com-a-pontuacao/1691>. Acesso em: 18 out. 2020.

WALSH, Roger. What is Wisdom? Cross-Cultural and Cross-Disciplinary Syntheses. **Review of General Psychology**. Los Angeles, CA, vol. 19, No. 3, 2015, p. 177–293, setembro de 2015.